

ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA E CUIDADO DE SI: POR UM MODO DE VIDA GAY

Autor: **José Nilton Conserva de Arruda**¹

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

jn.arruda@uol.com.br

Co-Autora: **Marianne Sousa Barbosa**²

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

mariannesbarbosa@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo propõe uma análise e discussão de categorias teóricas construídas por Foucault e aprimoradas por foucaultianos, problematizando o seu possível uso como instrumento de análise da homoafetividade. Apresentamos os principais eixos temáticos de sua obra correntemente agrupada em três estágios: saber, poder e subjetivação. As categorias de *amizade* e *estetização da existência* exploradas na última fase de sua obra, possibilitam uma renovação das abordagens a respeito da homoafetividade, pois desafiam o discurso corrente da militância gay que luta pela afirmação da identidade, pelo fim da repressão sexual e pela liberação do desejo. Foucault problematiza cada uma destas reivindicações e acena com a possibilidade de construção de um estilo de vida gay que não se limitaria a repetir os modelos consagrados pelos heterossexuais centrados na legalidade, matrimônio e monogamia. Postula-se uma cultura gay que não se sobreponha às formas culturais gerais, nem se conforme aos padrões vigentes, mas que possa agir nelas e sobre elas, modificando as próprias relações heterossexuais. Uma possibilidade real de transformação implica experimentar novas possibilidades, ao modo da experiência artística buscar uma estetização da existência, uma crítica da experiência vivida buscando descortinar novas alternativas.

Palavras-chave: Foucault; Homoafetividade; Subjetivação.

¹ Coordenador do Grupo de Pesquisa sobre Subjetividades – GPS UEPB.

² Colaboradora do Grupo de Pesquisa sobre Subjetividades – GPS UEPB.

INTRODUÇÃO

O problema ético, entendido como cuidado de si, e o problema político, enquanto resistência aos valores impostos pela pressão social se identificam na abordagem foucaultiana. Foucault desenvolveu categorias analíticas que recobriram essa sua compreensão da ética e do político e procurou verificar a operatividade dessas categorias analisando a homoafetividade enquanto um comportamento que tenciona aspectos da nossa compreensão tanto de ética quanto de política. A noção de *amizade* assumirá uma função importante na tematização foucaultiana, pois permite que ele se posicione na contramão das lutas correntes dos movimentos gays. Dessa forma, ele postulou uma problematização ética centrada na noção de *estetização da existência*, decorrente de uma escolha facultada por um *cuidado de si* que implica em uma resistência política e ética à imposição de modelos de comportamentos.

Embora os homoafetivos lutem pelo reconhecimento social e jurídico da sua condição, manifestado na busca de igualdade em relação aos direitos individuais já vigentes entre os heterossexuais: casamento, adoção e herança, Foucault destoa em relação ao foco dessa luta. Ele defende que os gays devem lutar por um novo direito relacional que escape dos modelos de relações já propostos pela nossa sociedade. Ou seja, trata-se de se reconhecer enquanto homoafetivo inventando e desenvolvendo, através de uma ascense contínua, um *modo de vida gay*, possibilitado a partir de uma estetização da existência, quando cada indivíduo procurar fazer da sua vida uma obra de arte. A ética foucaultiana da invenção individual se identifica com uma estetização da existência.

Para que o estilo de vida gay não seja construído tomando como modelo o estilo de vida heterossexual, é necessário assumir a amizade como a relação determinante para a sua inovação. Dessa forma, o estilo de vida gay conseguirá escapar dos modelos relacionais vigentes entre os heterossexuais e terá no cuidado de si um aspecto fundamental na constituição de um estilo de vida que explore novas possibilidades de vivência social e abra perspectivas para uma ética do sujeito.

Saber, poder e subjetivação

Podemos analisar a obra de Foucault dividindo sua vasta produção teórica em três fases distintas. Porém, todas elas voltadas à preocupação de se fazer uma história das “experiências”, “experiência da loucura, experiência da doença, experiência da criminalidade e experiência da sexualidade, focos de experiências que são, creio eu, importantes na nossa cultura” (FOUCAULT, 2010a, p. 7). Para nortear suas pesquisas, ele pôs uma questão para cada etapa de sua obra.

No primeiro momento, ainda muito próximo do estruturalismo, suas pesquisas estão diretamente voltadas para elucidar as perplexidades em relação à constituição dos discursos. Uma pergunta se impõe: de modo mais amplo ela é formulada como o que podemos saber? Sua variação em terminologia mais foucaultiana implica responder o que é possível ser tematizado e dito em um dado contexto? Responder a essa questão implica construir categorias que possam dar conta da realidade do saber, das funções dos nossos discursos e conhecimentos. A preocupação primordial é compreender como os discursos são constituídos, quais as regras que são ativadas, as instituições que os produzem e o fazem circular como discursos verdadeiros.

Quando as suas pesquisas voltam-se para as relações de poderes presentes na sociedade, importa responder uma nova pergunta: Quais são os poderes que precisam ser compreendidos e enfrentados? Suas análises voltam-se então para a compreensão das diferentes realizações das relações de poder e das possibilidades reais de resistência em cada contexto. O autor procura compreender a articulação desses saberes com estratégias e táticas de poder. O convite é para nos afastarmos do que ele chama de *grande mito platônico* que opõe saber e poder. Pede-nos para considerarmos o íntimo entrelaçamento entre poder e saber. Devemos nos deter neste ponto, pois ele é crucial para compreendermos o essencial de sua análise sobre a sexualidade em geral e a homoafetividade em particular.

Foucault nos convidou a pensar o poder em seus aspectos mais positivos, aqueles que constantemente nos assediam visando alcançar o nosso consentimento. O poder que incentiva, solicita estimula e consente. Julga ele que tal realização nos conduziria à superação de impasses teóricos presentes nas teorias que insistem na negatividade do poder: impede, proíbe, impõe, no limite é violento.

Mesmo que todos os saberes sejam gestados no espaço de tais relações de poder, marcados por esta vontade de verdade, nem todos os discursos são iguais e nem tudo é relativo. Importa, pois, ter sempre em conta as relações entre os saberes e os poderes para se entender o regime de produção das verdades, a política dos discursos verdadeiros e o modo como historicamente este regime de verdade sofre modificações. Foucault procura estabelecer um vínculo entre seu modo de compreender os discursos e a maneira pela qual os sofistas relacionem práticas e exercício, pois para eles um embate discursivo sempre objetiva fazer com que uma das partes seja a vencedora, tenha o seu discurso acolhido como verdadeiro para além dos princípios lógicos. Fazendo um elogio e ao mesmo tempo se filiando a esta matriz sofisticada no que diz respeito à compreensão dos discursos, pensado sempre a partir da noção de estratégia, pois tudo decorre de um jogo livre de argumentação, interesses e propósitos e, no dinamismo livre desses jogos sempre efetivados no espaço das onipresentes relações de poder, o discurso verdadeiro instaura-se

não como decorrência direta de processos lógicos e racionais, mas por mecanismos de exclusão e inclusão cujas regras operam fora do próprio discurso e não se efetivam sem ativarem a violência

A analítica foucaultiana do poder acentua o caráter relacional das forças que se confrontam, o poder de afetar e ser afetado de indivíduos que estabelecem relações. Porém, há um aspecto de suma importância nessa análise, a relação de força que o indivíduo estabelece consigo mesmo, quando ele se confronta em função da constituição de um modo de existência. A esse processo de constituição de um estilo de vida, Foucault chama de subjetivação.

Por fim, na última fase de sua obra, os problemas éticos o incomodam, ele sente a necessidade de responder sobre os modos de existência possíveis, isto é, como se dão os nossos processos de subjetivação? Compete agora desenvolver uma pesquisa que consiga iluminar a função das duas dimensões anteriores, o saber e o poder, na constituição das nossas subjetividades. Será necessário então examinar o papel dos discursos científicos e do tipo de poder que eles conferem aos seus detentores. A importância que os discursos científicos assumem na determinação das nossas escolhas.

Essa temática é desenvolvida no terceiro estágio do seu pensamento, opera um encontro da ética com a estética, mas não da estética com a moral, pois ele enfatiza a importância de se perceber bem a diferença entre as duas realidades. A moral ele associa ao que foi refletido nos estágios do saber e do poder, isto é, relaciona a moral às forças coercitivas do poder que sempre tentam retirar do indivíduo a capacidade de escolha, e às regras do saber que se apresentam codificadas e sempre resistentes às transformações. A ética é o espaço real da invenção de si, pois associada às regras facultativas da subjetivação. Em cada situação as regras coercitivas e codificadas do poder e do saber tentam se apropriar da subjetivação do indivíduo, mas esse responde com uma estilização de sua existência. Nesse sentido, a ética funde-se à estética nas relações de cada um consigo mesmo.

A realidade que o pensamento moderno chama de *sujeito* é substituída na sua abordagem pela noção complexa de *processo de subjetivação*. Ela implica na necessidade de se afastar as noções de *identidade, unidade e interioridade*, pois “eu chamaria de subjetivação o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que evidentemente não passa de uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si” (FOUCAULT, 2004, p. 262). Nesse sentido é que se diz que há um descentramento do sujeito no pensamento foucaultiano, ele deixa de ser interpretado como uma realidade prévia e constituinte e é postulado como resultado do processo de subjetivação. Assim, a tensão contínua vivenciada pelo

indivíduo visa à constituição de novos estilos de vida, de uma subjetividade que nunca é dada previamente, mas nessa relação de força do indivíduo que confronta a si mesmo.

Importa assinalar a natureza das regras vigentes no plano da subjetivação, pois ela se diferencia dos dois estágios anteriores: saber e poder. Se no campo do saber há regras anônimas atuando como formas estereotipadas, e se no âmbito do poder imperam regras coercitivas frente às quais é preciso resistir, no plano da subjetivação se inscrevem regras facultativas que circunscrevem um espaço real de escolha, de invenção da subjetividade. A chamada estetização da existência é justamente o resultado dessa resistência do indivíduo frente às subjetivações impostas. Estetizar a existência, fazer da vida uma obra de arte, resulta das escolhas éticas de cada um, é a realização de um processo de subjetivação.

O conjunto de suas pesquisas pode agora ser aplicado a um tema específico: a sexualidade. Com a publicação em 1976 do primeiro volume de sua *História da Sexualidade* – com o subtítulo de *A Vontade de Saber* – procura compreender como o binômio saber-poder e discursos científicos são constituidores das mais diferentes realidades ligadas ao sexo. Tal obra testemunha a abertura do pensamento foucaultiano para o problema da subjetivação e inaugura novas possibilidades de abordagem a respeito das sexualidades contemporâneas.

O discurso corrente dos grupos militantes clama por liberação sexual: costuma-se escutar o brado que é preciso pôr um fim à repressão sexual e liberar os desejos reprimidos; luta-se para que a identidade homossexual seja reconhecida e respeitada. A luta assume os modelos das conquistas heterossexuais, tudo o que pode ser vivenciado por aqueles com liberdade, deve ser assumido como bandeira de luta e conquista por parte dos homoafetivos. Desenvolvendo uma refinada analítica das relações de poder, que afasta justamente a compreensão do poder como instrumento de repressão, Foucault contesta esses lugares comuns do discurso corrente e diz ainda um sonoro não à necessidade de um conhecimento científico sobre a sexualidade, pois julga que os homoafetivos precisam muito mais de uma “arte de viver” do que um saber que possibilite conhecer os aspectos secretos dos seus desejos.

Mesmo que no âmbito de uma luta por direitos, do ponto de vista tático, seja importante poder afirmar que se é homossexual, esta não deve ser uma meta estratégica, um objetivo primordial dos movimentos de liberação, pois justamente na constituição da identidade reside um dos pontos mais fortes dos mecanismos de controle das sociedades modernas. Além disso, Foucault resiste à ideia de que alguém possa ser identificado com e por meio de sua sexualidade. Objetivar o sexo e colocar o indivíduo como extensão de sua condição sexual, é um reducionismo que Foucault julga inadequado. Por outro lado, ele afirma que os homossexuais precisam muito mais de uma arte de viver, de inventar novas possibilidades de

relações e valores que decorram da especificidade de suas vivências da sexualidade e das relações que lhes são específicas. Uma cultura gay que não se sobreponha às formas culturais gerais, mas que possa agir nelas e sobre elas, modificando assim, as próprias relações heterossexuais. A amizade é postulada como uma categoria que permite tematizar o novo estilo de vida apontado por Foucault.

Amizade e renovação dos modos de vida

Foucault nos aponta que a homoafetividade pode ser vivida na dimensão da amizade, da afetividade de relações constantes e não de encontros esporádicos. Já que, segundo ele, a amizade oferece oportunidades históricas de “reabrir virtualidades relacionais e afetivas” (FOUCAULT, 2010b, p. 351) e recusar toda uma cultura homoafetiva que luta para construir uma identidade sexual a partir de pressupostos limitadores vigentes na sociedade.

Partindo da temática da amizade como relação social – vivenciada na Grécia Antiga, muito valorizada e respeitada entre os indivíduos que tinham relações afetivas intensas, norteadas pela liberdade entre eles – Foucault desenvolve uma análise que apresenta as razões pelas quais uma relação antes tão respeitada passa a sofrer uma desvalorização. Segundo o filósofo, tal retração observada ao longo do tempo se deve ao fato de que as estruturas políticas e as diversas instituições de poder se sentem desafiadas pela novidade dessas relações e correm o risco de não funcionarem “[...] diante de amizades tão intensas, e recorrem a diversas estratégias para controlá-las e extingui-las” (FOUCAULT, 2010b, p. 349). Ele acredita que os códigos e leis que regem tais instituições não comportam “intensidades múltiplas, de cores variáveis”, (FOUCAULT, 2010b, p. 350) características de novas formas de relação, como é o caso da relação homossexual, por exemplo.

Em entrevista publicada no jornal *Gai Pied*, intitulada de “*De l’amitié comme modo de vie*” (Da Amizade Como Modo de Vida), Foucault faz a seguinte indagação: “Que relações podem ser, através da homossexualidade, estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas?” (FOUCAULT, 2010b, p. 348) e nos diz através dela, que a sexualidade deve ser voltada, ou pelo menos usada, em prol da busca de uma multiplicidade de relações que estejam intrinsecamente ligadas ao problema da amizade. Neste sentido, acrescenta “... o interesse pela amizade está se tornando muito importante. Não se entra simplesmente na relação para poder chegar à consumação sexual, o que se faz muito facilmente; mas aquilo para o que as pessoas são polarizadas é a amizade.” (FOUCAULT, 2010b, p. 350). Relacionando homoafetividade e amizade, abrem-se novas possibilidades para o relacionamento, laços afetivos duradouros e não mais presos a simples satisfação do desejo sexual. A amizade pode ser um catalisador de posturas que favoreçam transformações sociais mais abrangentes. A amizade exalta as virtualidades existentes na

vivência homoafetiva, possibilitando se pensar em um estilo de vida gay que seja alternativo ao modelo heterossexual, que consiga escapar de suas limitações e sobretudo do controle imposto pela sociedade.

Foucault faz a escolha teórica de utiliza o termo *gay* ao abordar e se referir à homoafetividade, pois segundo ele “Ser *gay* é, creio, não se identificar com os traços psicológicos e com as máscaras visíveis do homossexual, mas procurar definir e desenvolver um modo de vida gay” (FOUCAULT, 2010b, p. 351). Dessa forma, é possível estabelecer uma neutralidade, já que a homoafetividade é vista culturalmente de forma *negativa* e a heterossexualidade *positiva*. Portanto, o propósito de Foucault é escapar dessa armadilha que obriga a homoafetividade a se definir pela heterossexualidade, mas com essa desvantagem de assumir a parte negativa do binômio homossexualidade/heterossexualidade.

O estilo de vida gay implica possíveis relações de afeto, carinho, companheirismo e fidelidade. Tais relações não são acolhidas com tranquilidade na sociedade por serem vistas de maneira “perturbadora”, ou seja, o modo de vida gay guiado pela amizade atua potencialidades que incomodam muito mais que o ato sexual realizados entre iguais. Pois essas vivências apontadas acima, desafiam valores centrais da nossa sociedade.

A amizade postulada por Foucault aponta novas possibilidades para a construção de um modo de vida gay alternativo àquele centrado no prazer imediato e encontros fortuitos, na construção de uma identidade específica, mas sem a suficiente problematização de quanto essa identidade é imposta pela sociedade que confere essa identidade não para integrar, mas para excluir.

Dessa forma, as noções de forma de vida e de amizade, teorizadas por Foucault, implicarão na recusa de toda uma cultura homossexual centrada na exigência de liberação do desejo e na procura de uma identidade homoafetiva. Tal recusa fará com que a homoafetividade busque explorar novas formas de vida sem a necessidade de se estabelecer mais uma diferenciação.

A discussão sobre a amizade consiste na análise de novas formas de relacionamentos, possibilitando a existência de relações duradouras e marcadas por sentimentos, o que não acontece na grande maioria dos casos homoafetivos por força da configuração social e das práticas discursivas que prende a homoafetividade no jogo da luta por liberação do desejo e construção de uma identidade.

Na abordagem foucaultiana o comportamento sexual não é tomado como um desejo procedente dos instintos da natureza humana ou como uma resposta às leis lícitas e limitadoras que dizem o que se deve ou não fazer. O comportamento sexual é visto como abertura para novas possibilidades de vivências e relacionamentos que possam ir além daqueles já efetivados nas relações heterossexuais. É necessário inaugurar uma nova consciência a respeito do que se faz. A valorização da amizade e afetividade, para além

do prazer, possibilita que o modo de vida gay seja tomado positivamente e assuma dimensões políticas e éticas que possam transcender ao próprio interesse da militância gay.

No espaço social e institucional vigente, as relações permitidas são pouco diversificadas e muito esquematizadas – quase restritas ao espaço familiar – porém, outras formas de relacionamento podem existir e desenvolver novos códigos, novos suportes sociais para além da institucionalização e da legalidade. Para Foucault, a ascese pode conduzir a um novo modo de vida, nele o indivíduo pode superar as barreiras sociais e históricas colocadas entre eles, já que o que ele vem chamando de modo de vida se constitui em uma realidade que pode ser vivenciada pelos indivíduos sem limites de idade, condições sociais e funções que possam desempenhar.

No âmbito de tal concepção de modo de vida, não faz sentido lutar para que os homoafetivos tenham direitos iguais aos dos heterossexuais, pois segundo Ortega (1999, p. 169), "isto significaria a ampliação a círculos homossexuais das formas de comunidade e relacionamento reduzidas na atualidade aos heterossexuais, em vez de inventar novas formas de existência não institucionalizáveis". Ou seja, lutar pelo direito de ter as mesmas formas de vida e de relacionamento que têm os heterossexuais significa institucionalizar e limitar uma forma de vida que tem a possibilidade de inventar uma série de possibilidades de existência, que podem ir além do casamento, da família e da monogamia.

Considerações finais

Os temas ético e político foram analisados neste artigo tomando por base a homossexualidade. A nossa escolha nos põe direto em relação a uma característica marcante da obra de Foucault: pensar a partir de temas concretos, dialogando com o seu presente e com as realidades históricas. Foucault problematizou o debatido problema da homoafetividade recorrendo à categorias consagradas na História da Filosofia.

Um autêntico movimento de transformação não deveria limitar-se a repetir padrões já consagrados em outras experiências, até porque já conhecemos o seu coeficiente de dominação, mas experimentar novas possibilidades, ao modo da experiência artística buscar uma estetização da existência, uma crítica da experiência vivida buscando descortinar novas possibilidades. Dessa forma, a filosofia crítica deve fazer coincidir a invenção de si – ética – com a resistência aos mecanismos de dominação.

A nova compreensão de poder apresentada por Foucault, o poder entendido enquanto relações dispersas na sociedade, sem se submeter ao controle de ninguém, e muitas vezes ativados por nós mesmos, nos permite enxergar o problema de se lutar por uma identidade, pois pode ser justamente aí que o poder se insinue e nos controle. Ao analisar a homoafetividade a partir de noções consagradas na tradição filosófica como *cuidado de si* e *amizade*, e postulando a partir delas as já também experimentadas

noções de *modo de vida* e *estetização da existência*, possibilitam a Foucault operar uma renovação conceitual e propor uma abordagem criativa da temática, lançando luzes sobre as ações práticas que visam uma transformação das nossas vivências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Um diálogo sobre os prazeres do sexo. Nietzsche, Freud e Marx. Theatrum Philosophicum**. São Paulo: Landy, 2005 a.

_____. **O governo de si e dos outros**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010 a.

_____. **Repensar a política**. (Ditos e Escritos VI). Tradução Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.